



CRIMES DE SANGUE VINGADOS EM SETE TAÇAS: APOCALIPSE 17 COMO EXPLICAÇÃO DA QUINTA E DA SEXTA PRAGAS

Vanderlei Dorneles¹

Resumo

Os intérpretes em geral consideram que a Babilônia é lembrada por Deus no transcurso da sétima taça da ira (cf. Ap 16:19). Após isso, então, Deus derramaría sobre ela a sua ira. No entanto, segundo Apocalipse 15:1 e 16:17, a ira de Deus é completamente satisfeita ao longo das seis primeiras taças e ao derramar da sétima “pelo ar”. Antes mesmo das teofanias da sétima taça, Deus se declara satisfeito com a execução de seus juízos, com a declaração “Feito está!” (Ap 16:17). Além disso, na leitura mais corrente dessa unidade textual, Deus teria se lembrado da Babilônia para lhe dar o cálice da ira após a “grande cidade” se dividir em três partes, ou ser de todo destruída, o que sugeriria um anacronismo nessa seção (Ap 16:17-21). Questões de estrutura e aspectos linguísticos devem ser analisados a fim de se esclarecer o sentido da visão de Apocalipse 17 após as sete pragas, e que relação esse relato mantém com a visão das sete pragas (Ap 16). Este artigo emprega uma metodologia exegética com análise estrutural na busca de mais respostas para estas questões. A hipótese defendida aqui é de que Apocalipse 17 não relata um evento posterior nem um desdobramento da sétima taça, mas uma explicação das pragas quinta e sexta.

Palavras-chave: Babilônia; juízo, pragas; estrutura literária; Apocalipse.

Editores científicos: Flávio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 20/01/2025

Aprovado: 07/03/2025

Como citar: DORNELES, V. Crimes de sangue vingados em sete taças: Apocalipse 17 como explicação da quinta e da sexta pragas. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-24, e1682, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1682>

¹ Doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo, e em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo; mestre em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo; graduado em Teologia, pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, e em Comunicação Social, pela Universidade de Sorocaba. E-mail: vanderlei.dorneles@unasp.edu.br.



BLOOD CRIMES AVENGED IN SEVEN BOWLS: REVELATION 17 AS AN EXPLANATION OF THE FIFTH AND SIXTH PLAGUES

Abstract

Interpreters generally consider that Babylon is remembered by God during the seventh bowl of the wrath (cf. Rev 16:19). After this, God would pour out his wrath upon her. However, according to Revelation 15:1 and 16:17, God's wrath is completely satisfied throughout the first six bowls and when the seventh bowl is poured out "on the air." Even before the theophanies of the seventh bowl, God declares himself satisfied with the execution of bowl's judgment, with the statement "It is done!" Furthermore, in the most predominant reading of this textual unity, God would have remembered Babylon to give her the cup of the wrath after the "great city" was divided into three parts, or completely destroyed, which would suggest an anachronism in this section (Rev 16:17-21). Questions of structure and linguistic aspects must be analyzed in order to clarify the meaning of the vision of Revelation 17 after the seven plagues, and what kind of relationship this account has with the vision of the seven plagues (Rev 16). This article uses an exegetical methodology with structural analysis in the search for more answers to these questions. The hypothesis defended here is that Revelation 17 does not report a later event nor an unfolding of the seventh bowl, but an explanation of the fifth and sixth plagues.

Keywords: Babylon; judgment; plagues; literary structure; Revelation.

CRÍMENES DE SANGRE VENGADOS EN SIETE COPAS: APOCALIPSIS 17 COMO EXPLICACIÓN DE LAS QUINTA Y SEXTA PLAGAS

Resumen

Los intérpretes en general consideran que Babilonia es recordada por Dios durante el transcurso de la séptima copa de la ira (cf. Ap 16:19). Después de eso, Dios derramaría sobre ella su ira. Sin embargo, según Apocalipsis 15:1 y 16:17, la ira de Dios queda completamente satisfecha a lo largo de las seis primeras copas y al derramarse la séptima "sobre el aire". Incluso antes de las teofanías de la séptima copa, Dios se declara satisfecho con la ejecución de sus juicios, con la declaración "¡Hecho está!" (Ap 16:17). Además, en la interpretación más común de esta unidad textual, se considera que Dios ha recordado a Babilonia para darle el cáliz de la ira después de que la "gran ciudad" se divida en tres partes o sea totalmente destruida, lo que sugeriría un anacronismo en esta sección (Ap 16:17-21). Las cuestiones de estructura y los aspectos lingüísticos deben ser analizados para aclarar el sentido de la visión de Apocalipsis 17 después de las siete plagas, y la relación que este relato mantiene con la visión de las siete plagas (Ap 16). Este artículo emplea una metodología exegética con análisis estructural en la búsqueda de más respuestas a estas cuestiones. La hipótesis defendida aquí es que Apocalipsis 17 no relata un evento posterior ni un desarrollo de la séptima copa, sino una explicación de las quinta y sexta plagas.

Palabras clave: Babilonia; juicio; plagas; estructura literaria; Apocalipsis.



INTRODUÇÃO

Os intérpretes discutem o significado do relato visionário de Apocalipse 17 em conexão com as pragas sexta e sétima, em geral, por causa do uso comum do conceito de Babilônia. No entanto, o vidente descreve duas figuras nessa visão: uma besta escarlate e a meretriz, e essas são as duas personagens referidas em Apocalipse 16 no relato da quinta e da sexta pragas.

O sentido de Apocalipse 17 depende de sua conexão com o relato das sete últimas pragas, supostamente daquelas entre as sete que necessitariam de uma explicação adicional por meio de uma nova visão. De fato, o autor do texto conecta o relato da besta e da meretriz com os juízos das pragas ao mencionar que um dos anjos “que têm as sete taças” (Ap 17:1) retorna para lhe mostrar o julgamento da grande meretriz, como se esse anjo trouxesse uma explicação adicional à visão das sete pragas.

Apesar de tradicionalmente os intérpretes favorecerem a relação entre Apocalipse 17 e as taças sexta e sétima, é preciso notar que os elementos típicos da sétima taça (as teofanias) não são referidos em Apocalipse 17. Além disso, o conjunto intensificado de teofanias (cf. Ap 16:18, 20-21) conecta a sétima taça com as teofanias anteriores (Ap 4:5; 8:5; 11:19), e todas elas apontam para a manifestação viva da presença de Deus, com ênfase na *parousia*. Nota-se ainda que os poderes reais (“reis” e “trono”) são mencionados nas pragas quinta e sexta (Ap 16:10; 12, 14) e são igualmente enfatizados em Apocalipse 17 (cf. v. 2, 9, 11, 12, 14, 17), mas estão ausentes na sétima taça. Ainda é preciso lembrar que as duas personagens centrais da visão de Apocalipse 17 são a meretriz e a besta, as quais são atingidas claramente nas pragas quinta e sexta, sendo que as águas do Eufrates secadas na sexta praga são as águas onde se apoia a meretriz Babilônia (Ap 16:12; cf. 17:1, 15). Por fim, a declaração celestial “Feito está!” (Ap 16:17) indica a satisfação da ira de Deus (cf. 15:1) antes dos efeitos da sétima taça, o que indica que a ira sobre a Babilônia recai antes dessa declaração.

Nesse caso, é preciso compreender *quando e em vista de quê* a Babilônia “é lembrada diante de Deus” como mencionado em Apocalipse 16:19. Uma análise detida deste versículo em seu contexto vai indicar que todo o conjunto das pragas é derramado, desde a primeira, sobre a própria Babilônia. Foi ela quem derramou o “sangue” dos servos de Deus, e é a ela que “sangue” é dado a beber já nas pragas



segunda e terceira (Ap 16:5-7; cf. 17:6; 18:20, 24).

Este artigo discute o sentido do relato de Apocalipse 17 como uma visão explicativa, não da sexta e da sétima, mas da quinta e da sexta pragas, considerando especialmente as duas personagens centrais da narrativa: a besta e a meretriz Babilônia, ambas golpeadas nas pragas quinta e sexta. Para isso, emprega-se aqui uma metodologia de análise exegética, com o recurso da recapitulação como uma característica do relato visionário do Apocalipse de João.

ASPECTOS LITERÁRIOS E RECAPITULAÇÃO NO APOCALIPSE

O Apocalipse de João emprega diversos recursos que, ao mesmo tempo, ampliam sua beleza literária e complexidade teológica. Há intercalações de relatos, interlúdios, referências cruzadas, seções parentéticas e visões recapitulativas, os quais dificultam bastante o trabalho de se produzir um esboço definitivo do livro. Muitas vezes, mas nem sempre, o autor indica as sequências e intercalações de visões usando marcadores simples, como “então, vi”, “ouvi” ou “ele me disse”, ou ainda “depois dessas coisas vi” (cf. Ap 4:1; 7:1, 9; 15:5; 18:1; 19:1) ou simplesmente “então” (Krodel, 1989, p. 60). No entanto, esses marcadores nem sempre ajudam a delimitar uma unidade textual no estudo do Apocalipse. O arranjo literário mais frequente pode ser o que se tem chamado de “recapitulação” ou “relatos cílicos”.

Os estudiosos do Apocalipse em geral consideram os sete conjuntos de visões (mensagens, selos, trombetas, sinais, taças, juízos e maravilhas) como indicativos de uma deliberada estrutura literária nesse livro profético em alusão ao relato da criação.² No entanto, ao passo que os sete dias da criação são sequenciais, um “problema crítico” para os intérpretes é decidir se os ciclos de sete (igrejas, selos, trombetas e pragas) são uma “sequência cronológica contínua” ou “relatos paralelos” e “recapitulativos” dos mesmos eventos proféticos (Stefanovic, 2009, p. 28). Aune (1997, p. xci) defende que um problema central na análise de Apocalipse 6:1 a 19:10 é determinar se as “várias seções recapitulam as seções anteriores” ou se o autor pretende apresentar uma “sequência cronológica” da “história da salvação”. Mounce (1977, p. 32) não adere a uma “teoria predeterminada de

² Segundo Austin Farrer (1986, p. 57, 59), “as seis primeiras visões [sete mensagens, sete selos, sete trombetas, sete sinais em 12–14, sete taças da ira e sete sinais em 19–21] são análogas aos seis dias de trabalho em Gênesis, e a sétima ao sábado de Deus”. Collin Brown (1978, p. 931) também disserne no Apocalipse “sete visões paralelas, mas cumulativas da história, culminando na visão da Nova Jerusalém, correspondendo aos sete dias da criação em Gênesis 1” (cf. Dorneles, 2019, p. 6-21).



recapitulação”, embora não negue que certas seções “parecem andar juntas”.

Entretanto, Michaels (1992, p. 54) insiste que o final de Apocalipse 6 levanta a significativa questão acerca da estrutura do livro: “A visão de João [no ápice] do sexto selo é verdadeiramente uma imagem do fim do mundo, ou de algo que acontece antes disto?” Se for o fim do mundo, “então pelo menos parte do que se segue nos capítulos 7 a 21 deve ser considerada como um *flashback* ou reiteração de eventos anteriores ao fim”. Por sua vez, Fiorenza (1998, p. 171) afirma: “Uma vez que os três conjuntos de sete tormentos [selos, trombetas e pragas] não simplesmente se repetem, mas evoluem e expandem-se mutuamente, devem então ser vistos como ciclos abertos.” Assim, as seções subsequentes não exatamente “revisam e resumem” as anteriores, mas as reabrem a partir de outras perspectivas. Krodel (1989, p. 61) acrescenta que “o dia do juízo (6:16-17) bem como a salvação final (11:15-18) são descritos antes que a primeira taça da ira seja derramada em 16:2”. A recapitulação, segundo ele, elucida essa estrutura e não deve ser entendida como “mera repetição”, mas desdobramento. Farrer (1986, p. 36) defende que o modelo do ciclo de sete não simplesmente repete o conteúdo: “O conteúdo se torna mais elaborado e ampliado em cada repetição.”

Metzger (1993, p. 55-56) afirma que a “recapitulação” é uma forma semítica de contar uma história. Essa característica literária é “um produto da mente semítica, que percorre toda a imagem repetidamente” para alcançar a compreensão clara e memorização da mensagem essencial. Mueller (2015, p. 8) define a recapitulação como “uma técnica usada por autores antigos a qual dispõe várias partes da obra literária – neste caso, o Apocalipse – uma ao lado da outra, de forma que se apresentam como paralelas”. Paulien (1988, p. 334) acrescenta que “a recapitulação literária é típica do estilo hebraico”. Beale (1999, p. 135) menciona recapitulação na Bíblia Hebraica em Isaías, Ezequiel, Daniel e Zacarias. Adela Collins (2001, p. 34) acrescenta que “o fenômeno da recapitulação não é exclusivo do livro de Apocalipse”, mas, na verdade, “parece ser característico em muitos escritos com interesse escatológico”. Ela defende que “as visões do livro de Daniel repetem a mesma sequência básica de eventos” em quatro relatos paralelos: (1) 7:1-18; (2) 7:19-27; (3) 8:1-25 e (4) 10:12–12:3, entre outros.

Nessa perspectiva, quando o conjunto de visões chega à consumação final, o leitor deve considerar a possibilidade de que, por meio das visões seguintes, o autor



possa iniciar um novo ciclo de relatos proféticos dos mesmos eventos históricos já descritos. Essa é uma questão muito importante ao lidar com Apocalipse 16 e 17, principalmente porque em 16:17 João relata a “voz” do trono que declara: “Feito está!”, o que sinaliza a consumação de todas as coisas nesse momento profético. Em vista disso, o que acontece depois deve ser visto como um novo ciclo de visões.

Na verdade, a característica literária da recapitulação, ou a repetição do mesmo padrão básico em uma variedade de formulações específicas, não se limita aos escritos escatológicos judaicos e cristãos, mas trata-se de uma característica essencial da linguagem religiosa e mítica. Paul Ricoeur (1963, p. 167-168) afirma que “a razão disso é que o texto mítico objetiva a intuição de um todo cósmico, sua intenção é a restauração da totalidade das coisas”, e “a totalidade das várias formulações, portanto, representa a mensagem de forma mais completa do que qualquer expressão dela dada isoladamente”. Nessa mesma linha, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1995, p. 443) afirma que os textos religiosos e míticos, assim como a “literatura oral”, são “caracterizados por duplicação, triplicação ou quadruplicação da mesma sequência”. A razão disso é que a “repetição tem por função tornar evidente a estrutura do mito”. Tanto Ricoeur quanto Strauss consideram os mitos e os textos religiosos como um antigo relato acerca da realidade, não necessariamente uma visão ilusória dela.

No adventismo, a percepção dos ciclos recapitulativos nos textos proféticos já estava evidente na hermenêutica de Isaac Wellcome (1874, p. 44-46), no início do século 19. Ele propôs que “Deus tem revelado coisas que hão de acontecer, por meio de visões, figuras e parábolas”, e que desta maneira “as mesmas coisas são reveladas várias vezes, em diferentes visões, ou em diferentes figuras e parábolas”. Para entendê-las, o intérprete “precisa combiná-las em uma só”. Ellen G. White (1884) endossou essa compreensão ao afirmar que “aqueles empenhados em proclamar a terceira mensagem angélica pesquisam as Escrituras a partir da mesma metodologia adotada pelo pai Miller”.

Assim, ao analisar os capítulos 16 e 17 do livro do Apocalipse, considerando o clímax do *escaton* anunciado pela voz celestial (“Feito está!”), partimos da pressuposição de que o capítulo 17 pretende apresentar uma explicação adicional, uma ampliação de algo que já foi revelado antes.



O ESCATON NA SÉTIMA TAÇA: “FEITO ESTÁ!”

Em Apocalipse 16, a declaração “Feito está!”, procedente do trono, indica a consumação final da ira de um Deus justo no encerramento das sete taças. Em Apocalipse 15:1, o profeta afirma que, com as sete taças, se “consuma” a ira de Deus, e a declaração “Feito está!” confirma essa consumação, a qual precede os fenômenos teofânicos (cf. Ap 16:17-21). As visões parecem ter chegado mais uma vez ao momento do *escaton*, da consumação de todas as coisas, visto que em Apocalipse 6:17 ele sinaliza que o clímax do sexto selo marca o mesmo contexto da consumação.

Nesse caso, a declaração de que a Babilônia “foi lembrada diante de Deus” para lhe ser dado o cálice da sua ira seria uma espécie de texto de transição para as visões de Apocalipse 17–20, pois a ira se consuma nas sete taças. Uma vez que a quinta e a sexta taças afetam diretamente a estrutura da Babilônia, formada por ela e a besta juntamente com os reis da Terra, então essa ira sobre ela já deve ter sido derramada no transcurso das sete pragas, culminado com a declaração “Feito está!”.

Em vista disso, devemos considerar as implicações da declaração “Feito está!” em Apocalipse 16:17 e a eventual coerência da compreensão de que a visão de Apocalipse 17 seja uma recapitulação dos juízos já derramados durante as sete pragas. A discussão a seguir sobre o significado do “Feito está!” sinaliza nessa direção.

Entretanto, entre outros autores, LaRondelle (1992, p. 375) defende que “a profecia do Armagedom está localizada na unidade das sete últimas pragas (Ap 16), após a descrição da sexta praga (v. 16)”, o que, para ele, indica que essa batalha “acontecerá consequentemente durante a sétima praga” (ver também Beale, 1999, p. 841). Isso desloca o sentido da declaração “Feito está！”, como se Deus afirmasse estar satisfeito, mas em seguida recorresse desse sentimento para derramar mais ira sobre a Babilônia, após as pragas. Para LaRondelle (1992), “a última, ou sétima praga descreve os terríveis eventos da natureza que acompanharão o segundo advento de Cristo”, momento em que Deus se lembraria da grande Babilônia para lhe dar “o cálice do vinho do furor da sua ira” (Ap 16:19). Nesse caso, por ocasião da *parousia*, Jesus ainda empreenderia uma batalha contra seus inimigos, ocasião em que derramaria sua ira sobre a Babilônia, o que parece anacrônico considerando que a sexta praga é a queda da Babilônia. E não só isso: em Apocalipse 17:16, é a besta,



juntamente com os reis da Terra, que destrói e queima a meretriz Babilônia, consumindo-a no fogo, e não Deus!

Precisamos, portanto, considerar o final do relato das taças da ira a fim de verificar se a afirmação “Feito está!” aponta para o momento inicial de uma batalha escatológica através da qual Deus derramaria sua ira sobre a Babilônia, ou se João descreve aí a consumação final da ira de Deus que já havia sido derramada sobre a Babilônia durante as seis primeiras pragas.

Uma primeira questão acerca do significado da sétima taça é o fato de ela ser derramada “pelo ar” (Ap 16:17). De acordo com Aune (1998, p. 899), os filósofos naturais gregos consideravam os quatro elementos básicos da vida como: terra (Ap 16:2), água (mar, v. 3; rios e nascentes, v. 4; cf. o Eufrates, v. 12), fogo (sol, v. 8) e ar (v. 17). Cada um desses elementos parece ser afetado pelas sete últimas pragas. No entanto, o trono da besta (v. 10) está obviamente ausente desse esquema, como Aune reconhece (1998, p. 899). Além disso, é necessário notar que em Apocalipse 16:1 aos anjos das taças se ordena que as derramem “pela terra”, não “pelo ar”. Em vista disso, Aune (1998, p. 899) também entende que a sétima taça “não está intimamente relacionada com as outras”. Assim, ao mencionar o “ar” em contraste com a ordem de se derramar as taças “pela terra”, João parece indicar que esta sétima taça se derrama como um apêndice à ira já consumada, pois justo antes dos fenômenos teofânicos a voz do trono declara “Feito está!”

Por sua vez, Murphy (1998, p. 345) afirma que “é impressionante que a sétima taça seja derramada pelo ar”, quando foi dito que fossem derramadas “pela terra” (Ap 16:1). Ele lembra que “as primeiras quatro trombetas são voltadas para a terra, o mar, os rios e as fontes, e corpos celestes, respectivamente”. De acordo com ele, “estes são os elementos bíblicos tradicionais constituintes do mundo” (cf. Pv 8:23-24, 27, 29). Concordemente, Thomas (2012, p. 486) considera que deve ser levado em conta o movimento da atenção “da terra para o ar” que a rodeia. O resultado direto e imediato do derramamento da sétima taça pelo “ar” é a voz “do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está!” Thomas acrescenta que esta voz “do lado do trono, a voz de Deus”, no momento da sétima e última taça, “se conecta com o som desta mesma voz no início da sequência, quando Deus instrui os anjos com as sete taças para derramar suas pragas”. Isso indica que “toda a sequência das taças é envolvida pela voz de Deus”. Ao pronunciar o “Feito está！”, a voz indica que o



trabalho da ira foi finalizado justo nesse momento crucial (Thomas, 2012, p. 486-487).

Rotz (2012, p. 243) afirma que, “assim como a sétima trombeta, a sétima taça retrata a consumação da história”. As grandes vozes a partir do santuário celestial em ambos os ciclos “anunciam o cumprimento dos propósitos salvíficos de Deus” (cf. Ap 11:15; 16:17). Por causa disso, a teofania que se segue inclui “um terremoto acompanhado de trovões, raios e saraiva (cf. Ap 11:19; 16:18, 21).” Por sua vez, Custer (2004, p. 181) acrescenta que o tempo verbal perfeito de “Feito está!” (do grego *gégonen*, Ap 16:17) é “uma maneira divinamente simples de mostrar que a ira de Deus foi totalmente cumprida”, e “o poder do mal foi quebrado”. Segundo ele, isso antecipa o tempo verbal perfeito de Apocalipse 21:6, “Está cumprido!” (*gégonan*), que se refere à consumação de todos os propósitos de Deus na nova criação”. Além disso, Murphy (1998, p. 346) também lembra que a forma verbal grega *gégonen* vem de *gínomai*, que significa “ser” ou “acontecer”, o mesmo verbo usado em Apocalipse 1:1 quando João é instruído sobre as “coisas que em breve devem acontecer”. Assim, o anúncio em Apocalipse 16:17 de que “Feito está!” sinaliza “a conclusão de tudo que foi mostrado a João que iria acontecer”.

Concordemente, Krodel (1989, p. 288) propõe que o “Feito está!” nos leva ao “limiar da eternidade”, pois há “relâmpagos, grandes vozes, estrondos de trovões”, sinais indicativos da manifestação da presença de Deus na *parousia* (cf. Ap 4:5; 8:5; 11:19). Nessa mesma linha, Koester (2014, p. 688) concorda que “a voz de Deus vinda do santuário celestial inicialmente disse aos anjos para derramarem suas taças, e agora Deus fala novamente, dizendo: ‘Feito está!’, indicando que as pragas atingiram seu ponto culminante (16:1, 17)”. Beale (1999) considera o “Feito está” em Apocalipse 16:17 como uma declaração da “consumação final do juízo”. Portanto, o foco em Apocalipse 16:17 está na punição sobre os ímpios e na destruição das condições de vida na Terra, o que configura a realidade do *escaton* nesse momento profético.

Osborne (2002, p. 597) acrescenta que a voz de Deus proclama o *escaton* em “simplicidade eletrizante”, afirmando de forma definitiva: *gégonen*, “Acabou!” Ele também reitera que essa declaração retoma o que foi “colocado em ação quando Cristo clamou da cruz, ‘Está consumado!’ (Jo 19:30)”. Para ele, visto que o tempo perfeito é frequentemente usado para enfatizar o “estado de coisas resultante de



uma ação”, isso significa que “o juízo de Deus já se encerrou e estamos no fim da história”. Portanto, em Apocalipse 16:17, o “Feito está!” significa que “o tempo dos juízos chegou ao fim e o reino final de Deus se estabeleceu”.

Desta forma, para esses autores, a declaração “Feito está！”, no momento em que a sétima taça é derramada “pelo ar”, se refere à conclusão da obra de Deus em punir os portadores da marca da besta, a qual em Apocalipse 17 se apresenta como o suporte civil e político da grande Babilônia. Nessa perspectiva, há evidências contextuais e linguísticas suficientes para se estabelecer o “Feito está！”, ao derramar da sétima taça “pelo ar”, como a consumação da ira de Deus contida nas taças.

No entanto, uma vez que a declaração celestial “Feito está!” deve ser vista como a consumação das obras de Deus em termos de juízo e ira, por que então, na sequência, João fala sobre Deus lembrar-se da Babilônia para dar a ela o “cálice da sua ira” (Ap 16:19)?

Aune concorda que o “Feito está!” (Ap 16:17) retoma a declaração de Apocalipse 15:1, que permite a conclusão de que, com essas sete taças, a ira de Deus é satisfeita. No entanto, ele pondera: “Se a ira de Deus foi satisfeita, não está claro por que a Babilônia é o foco de Apocalipse 17:1–18:24” (Aune, 1998, p. 899). Visto que Aune não aceita o princípio geral da recapitulação para explicar a estrutura literária do Apocalipse, ele vê a sequência das visões de Apocalipse 17 em diante como um problema de difícil solução.

Entretanto, Osborne (2002, p. 597) defende que “devemos lembrar que a estrutura literária do Apocalipse é cíclica”, e, portanto, a visão “da queda da Babilônia, a Grande, nos capítulos 17–18, retrata [recapitula e expande] os mesmos juízos” já descritos nas taças da ira. Assim, a característica cíclica da narrativa de João “não contradiz o brado ‘Feito está!’”. Murphy (1998, p. 346) também conclui que “o fato de o Apocalipse continuar por mais seis capítulos não nega o encerramento marcado pela declaração em Apocalipse 16:17, pois o que se segue recapitula e desdobra o mesmo conteúdo já revelado antes”.

Desta forma, visto que os juízos contidos nas taças foram consumados com a declaração “Feito está！”, como se pode entender a afirmação de que Deus se lembrou da Babilônia para lhe ser dado o “cálice de sua ira”? Uma análise do contexto linguístico de Apocalipse 16:17-21 pode elucidar essa questão.



A BABILÔNIA LEMBRADA DIANTE DE DEUS

Um ponto muito importante ao lidar com Apocalipse 16:19 é o momento em que e por que Deus se lembra da Babilônia. A resposta deve ser provida pelo contexto literário e linguístico do próprio Apocalipse. A compreensão de quando esse evento ocorre é crucial para o entendimento das visões que se seguem ao relato das sete pragas.

No Apocalipse, essa atitude de Deus se lembrar de algo é uma resposta à intercessão diante de seu trono por meio de ministração junto ao altar de incenso (Ap 8:3-4). A expressão grega usada em Apocalipse 16:19, traduzida por “diante de Deus”, é *enōpion tou theou*. A preposição *enōpion* é usada diversas vezes no Apocalipse. Seis vezes é usada como *enōpion tou theou* (“diante de Deus”), indicando o próprio lugar do santuário onde está o altar do incenso, o Lugar Santo (cf. Ap 3:2; 8:2, 4; 9:13; 12:10; 16:19). É usada 12 vezes como *enōpion tou thronou* (“diante do trono”) indicando o mesmo espaço, uma vez que Deus está assentado no trono (cf. Ap 1:4; 4:5, 6, 10, 7:9, 11, 15; 8:3; 11:16; 14:3; 20:12). E outras três vezes como *enōpion tou arníou* (“diante do Cordeiro”), uma vez que o Cordeiro foi entronizado à destra de Deus, segundo a visão de Apocalipse 5:1-14 (cf. 5:8; 7:9; 14:10). Essa mesma preposição *enōpion* também é usada para falar das duas testemunhas: “Estas são as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra” (Ap 11:4). A referência aqui é, obviamente, aos candeeiros que fazem parte do Lugar Santo do santuário, lugar de intercessão e mediação. Nesse caso, o que faz parte ou está no Lugar Santo do santuário celestial está diante de Deus e diante do trono.

Desta forma, o fato de a Babilônia ser “lembra diante de Deus” não é uma lembrança casual e repentina, mas resulta da obra de intercessão em favor dos mártires realizada no altar do incenso, diante do trono (Ap 8:3-4), e Deus leva em conta os pecados dela a fim de puni-la, como revela a sexta taça, que, à luz de Apocalipse 17–18, retrata a queda da Babilônia. Essa obra de intercessão evidentemente antecede as pragas, pois quando as taças começam a ser derramadas “ninguém” mais pode entrar no “santuário” (Ap 15:8), indicando o fim da intercessão sumo sacerdotal.

Além disso, a construção grega passiva *emnēsthē enōpion tou theou*,



literalmente, “foi lembrada diante de Deus” – sendo que o verbo indica “estar ciente das informações e agir adequadamente” –, sugere “um julgamento diante do trono de Deus” (Rotz, 2012, p. 244; cf. Smalley, 2005, p. 415; cf. Ap 17:1), um processo de investigação que precede a execução de sentença, e toda execução da parte de Deus é precedida de uma investigação apropriada. Nesse processo de juízo os pecados da meretriz e da besta são evidenciados, e são crimes de sangue (Ap 17:6, 14). Uma vez que as pragas são um expediente de execução de juízo, tal juízo de investigação dos crimes de sangue deve preceder o derramamento das taças. Acrescenta-se que a forma verbal grega passiva do aoristo indicativo *emnēsthē* (de *mimnēskō*) em Apocalipse 16:19 deve ser traduzida como “foi lembrada” (NKJV). A frase com a forma verbal *emnēsthē* é seguida pelo infinitivo aoristo *dounai* (de *dídōmi*) que deve ser entendido como “dado” (NVI), no tempo passado: “A Babilônia foi lembrada para lhe ser dado o cálice” (Osborne, 2002, p. 599).

Nesse caso, a declaração de que “a Babilônia foi lembrada diante de Deus para lhe ser dado o cálice” deve ser vista, não como uma projeção futura, mas como um resumo ou rememoração dos eventos de juízo anteriores através das pragas, as quais afetam a grande Babilônia do início ao fim. A primeira praga causa úlceras sobre os portadores da marca da besta, que é o suporte civil da Babilônia (Ap 16:2; 17:3). A segunda e a terceira transformam em sangue as fontes de água, de forma que os que derramaram sangue de “santos e profetas” recebem “sangue” para beber (Ap 16:3, 4, 6), e quem se embriagou com o sangue de “santos” e profetas (“testemunhas de Jesus”) foi a meretriz Babilônia (Ap 17:6). A quarta praga dá ao Sol o poder de queimar as pessoas “com fogo” (Ap 16:8-9), e morte em “fogo” é o destino da Babilônia (Ap 17:16); além disso, a Babilônia impôs a marca da besta, que parece estar relacionada com o dia do Sol em contraste com o sábado de descanso (Ap 13:16; 14:1, 6).³ A quinta e sexta atingem a estrutura do poder da Babilônia: a besta e a meretriz, pois o Eufrates é o rio da Babilônia (Ap 16:10, 12; cf. 17:3).

Portanto, parece coerente a informação de que a Babilônia foi lembrada diante de Deus em um processo de juízo anterior que resultou na execução através das sete pragas. Assim, a informação, textualmente falando, é de que a Babilônia foi lembrada diante Deus no passado anterior às pragas, durante o ministério da

³ Para um estudo sobre essa perspectiva, ver Vanderlei Dorneles, “O contexto bíblico do 666”, *Revista Adventista online*, disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/o-contexto-biblico-do-666>.



intercessão, diante do trono (Ap 8:3-4), e por essa lembrança Deus a puniu (“lhe foi dado o cálice”) por seus pecados através das sete pragas.

Sobre o momento em que a Babilônia é lembrada diante de Deus, é esclarecedor observar que, em relato também visionário, Ellen G. White (2004, p. 637) narra os fenômenos e sinais da natureza no contexto da sétima taça, usando os verbos consistentemente no presente simples. No entanto, ao se referir à lembrança da parte de Deus em relação à Babilônia, ela emprega o verbo no presente perfeito do inglês, que não enfatiza o momento, mas o fato em si, para falar de algo que já ocorreu, não importando quando. Com isso, ela deixa sugerido que a lembrança da Babilônia diante de Deus precede as taças da ira, mais especificamente a sétima taça. Ela diz:

O mar é açoitado com fúria. *Ouve-se* o sibilar do furacão, semelhante à voz de demônios na missão de destruir. A Terra inteira *se levanta*, dilatando-se como as ondas do mar. Sua superfície *está* a quebrar-se. Seu próprio fundamento *parece* ceder. Cadeias de montanhas *estão* a revolver-se. *Desaparecem* ilhas habitadas. Os portos marítimos que, pela iniquidade, se tornaram como Sodoma, *são* tragados pelas águas enfurecidas. A grande Babilônia *veio* em lembrança perante Deus, “para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira” (Ap 16:19, 21).

Nesse texto, ela emprega dois verbos no presente perfeito do inglês: literalmente, “os portos marítimos têm se tornado” (em inglês, “*have become*”), e a Babilônia “tem vindo” (em inglês, “*has come*”) à lembrança diante de Deus. Em ambos os casos a ação ocorreu num passado indeterminado, antes dos eventos teofânicos descritos no tempo presente, e o momento não está em foco, mas o fato em si que ocorreu no passado e cujos efeitos são então evidenciados.

A BABILÔNIA JULGADA POR CRIMES DE SANGUE

Além disso, é notório que o cântico de Apocalipse 19:2 exalte a justiça de Deus, nesses juízos, exatamente por ter vingado sobre a meretriz Babilônia o “sangue de seus servos” (cf. Ap 6:10). A justificativa para os cruéis juízos através das sete pragas sobre a Babilônia e todo o seu sistema é que ela é culpada do sangue de “santos”, “apóstolos”, “profetas” e de “todos os foram mortos sobre a terra” (cf. Ap 18:20, 24; 19:2).



Em Apocalipse 6:10, os mártires clamam para que Deus vingue o sangue deles “dos que habitam sobre a terra”. Em 8:3-4, a intercessão é feita em favor desse clamor. Osborne (2002, p. 599) defende que “a expressão sugere que o anjo [sacerdote] literalmente traz as orações diante de Deus e o lembra das ações dos seres humanos (Ap 8:3-5)” em termos dos crimes de sangue contra seu povo. Por último, em Apocalipse 16, Deus vinga o sangue derramado de seus servos. Na altura da terceira praga, o anjo das águas clama: “Derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso” (Ap 16:6). Beale (1999, p. 819) afirma que a punição sobre Babilônia é claramente ligada à terceira praga com essa imagem de “sangue”. Isso evidencia que a Babilônia está sob o juízo de Deus ao longo das sete pragas.

Desta forma, o relato de Apocalipse 16:18-21, dos eventos seguintes ao “Feito está!”, relativamente à grande Babilônia, rememora o que aconteceu antes da sétima taça em termos dos juízos já executados sobre a meretriz os quais consumaram a ira de Deus.

Além disso, devemos considerar que o relato seguinte em Apocalipse 17 não é uma visão para tratar tão somente do julgamento da meretriz. Na verdade, esse capítulo contém mais informações sobre a besta escarlate e os reis da Terra do que sobre a prostituta e seu julgamento.⁴ Em acréscimo, o anjo que mostra a João o julgamento da meretriz (Ap 17:1) deve ser o mesmo que derrama a sexta taça, uma vez que o contexto indica que as “águas” em que a prostituta se assenta são as mesmas “águas” do Eufrates (o rio da Babilônia) que se secam em Apocalipse 16:12. Nesse caso, a visão dos capítulos 17–18 pode ser entendida como uma recapitulação, ou um desdobramento e ampliação, da visão da sexta taça da ira, não algo que ocorre depois disso ou na sequência disso.

Portanto, a lembrança “diante” de Deus que resulta na punição da Babilônia deve ser vista como um texto de transição que abre caminho para as visões seguintes em Apocalipse 17–20, as quais recapitulam os eventos já descritos em Apocalipse 16.

⁴ No texto grego de Apocalipse 17:1-6, são empregadas 102 palavras para a meretriz e apenas 12 para a besta. Enquanto isso, na explicação (v. 7-18) o anjo se demora muito mais na besta, suas cabeças e chifres. No texto grego dos v. 7-18, somente 36 palavras são empregadas para falar da mulher e 243 para falar da besta (cf. Nichol, 2014, v. 7, p. 946).



A QUEDA DAS CIDADES DAS NAÇÕES

A informação de que “a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações” (Ap 16:19) é significativa nesse contexto, por ser a primeira vez que tal conceito é empregado no Apocalipse. O emprego posterior desse conceito de “cidade” indica que o texto (16:19) serve ainda como uma espécie de introdução ou preâmbulo para as visões seguintes descritas no livro. Assim do ponto de vista da estrutura literária, Apocalipse 16:19 parece ter a função de “trampolim” ou texto de passagem, como Apocalipse 1:20; 3:21; 6:10, 11:18, entre outros (cf. Stefanovic, 2009, p. 366-369).

No relato da sétima taça da ira, nota-se que João emprega a palavra “cidade” (em grego, *pólis*) pela primeira vez no Apocalipse. Depois disso, a palavra recorre outras seis vezes nos capítulos 17–18 (17:18; 18:10 [2x], 16, 19, 21) para falar sobre Babilônia, a Grande; e no capítulo 21 mais três vezes (v. 16, 18, 23) para falar sobre a Nova Jerusalém. Assim, os textos de Apocalipse 16:19 a 21:23 estão conectados pela temática das cidades/*pólis*, aquelas que caem e aquela que permanece para sempre.

Portanto, de Apocalipse 16:19 em diante, o tema da “cidade” exige que se olhe adiante para os capítulos 17–21 e não para trás (capítulo 16), onde a ideia de “cidade” é apenas dada de forma introdutória. Deste ponto em diante (Ap 16:18-21), o tema da cidade ocupa a atenção de João ao contrastar as duas grandes cidades e seus destinos opostos.

Como parte do resumo das taças, a declaração de que a Babilônia “se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações” (Ap 16:19) sugere que, no contexto das pragas as quais atingem os que têm a marca da besta e são apoiadores da Babilônia, são destruídos todos os poderes religiosos que dominam os reis e nações da Terra. Visto que a “grande cidade” é a Babilônia, o maior poder religioso a manipular os reis da Terra para o Armagedom, as “cidades das nações” no contexto devem ser tomadas como suas filhas “meretrizes” mencionadas em Apocalipse 17:5, ou poderes religiosos aliados da Babilônia, os quais dominam sobre os reis e povos da Terra (Ap 17:15, 18) (Johnson, 1981, p. 552). Beale (1999, p. 859) afirma que as figuras femininas aqui representam “realidades puramente religiosas”, tanto quanto a meretriz Babilônia. Apocalipse 17:18 coloca “cidade” e “meretriz” como



correlatas, o que sugere que as “cidades das nações” são correlatas às “meretrizes” (substantivo grego plural *pornōn*; Ap 17:5), as filhas de Babilônia. Essas cidades são “centros” de adoração e oposição a Deus e seu povo (Kistemaker, 2001, p. 455) e “aliadas” de Babilônia (Beale, 1999, p. 843).

Observa-se ainda que Apocalipse 16:19b, com a informação de que “a Babilônia foi lembrada diante de Deus”, é distinguido do restante da seção (AP 16:17-21) pelo emprego do indicativo aoristo passivo (*emnēsthē*). João descreve no indicativo aoristo todos os fenômenos teofânicos. O versículo 18 relata que “sobrevieram [egénonto] relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu [egéneto] grande terremoto”. O versículo 19a segue com a descrição dos fenômenos, informando que “a grande cidade se dividiu [egéneto] em três partes, e caíram [épesan] as cidades das nações”. O versículo 19b interrompe essa sequência de sinais naturais para informar que a Babilônia “foi lembrada” [*emnēsthē*] diante de Deus (Osborne, 2002, p. 598). Em seguida, os versículos 20 e 21 retornam para os sinais naturais da presença de Deus, com emprego do indicativo aoristo para relatar que “fugiram” (*éphygen*) “ilhas” e “montes” e, por fim, que “caiu” (*katabaínei*) “saraiva” sobre as pessoas. Desta forma, esse arranjo literário destaca o versículo 19b, sugerindo que se trata de uma informação parentética, a qual revela o motivo dos juízos das sete pragas: um processo de juízo anterior em que a Babilônia foi condenada por crimes de sangue.

Assim, a informação acerca do juízo da Babilônia está inserida como um parêntese no meio das teofanias, e é dada após a declaração de que a “grande cidade” (Babilônia) quebrou-se em “três partes” e que caíram as “cidades das nações”. Seria anacrônico que João dissesse que a Babilônia seria lembrada depois de dizer que ela se quebrou em “três partes”, expressão indicativa de seu “colapso” (Koester, 2014, p. 663) e “completa destruição” (Mounce, 1977, p. 303; cf. Kistemaker, 2001, p. 455; Osborne, 2002, p. 598).

Desta forma, o contexto geral do Apocalipse, assim como o arranjo literário do versículo 19b como um parêntese entre os fenômenos naturais da sétima taça, evidenciam que o relato de Apocalipse 16:18-21 serve tanto como um sumário ou fechamento do relato das taças quanto como uma introdução para os relatos posteriores em que a ideia de “cidade” se torna predominante.

As pragas atingem seu ápice com a declaração celestial “Feito está!”, que



indica que a ira de Deus está satisfeita a essa altura dos eventos finais. A lembrança da Babilônia diante de Deus deve ser vista como um evento que toma lugar antes das pragas com o ministério da intercessão, e durante as pragas toda a estrutura da Babilônia é atingida e fragmentada. Isso mergulha os habitantes da Terra em um clima de profundo lamento e pranto. A expressão “derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber” (Ap 16:6), na terceira praga, indica que a Babilônia está sob o juízo de Deus desde as primeiras pragas, pois ela é quem derramou o sangue de “santos e profetas” (Ap 18:24).

A QUINTA E A SEXTA PRAGAS EM APOCALIPSE 17

A relação temática e linguística entre os capítulos 16 e 17 indica que o autor do Apocalipse relata a visão da meretriz montada na besta como uma explicação da quinta e da sexta pragas. A ideia de um juízo de investigação para justificar uma execução de sentença está sugerida com a menção dos crimes de sangue por parte da meretriz, da besta e dos reis da Terra.

Diversos paralelos temáticos e linguísticos evidenciam a conexão entre o relato da quinta e da sexta pragas (Ap 16:10, 12) e a visão de Apocalipse 17. O anjo que anuncia o julgamento da meretriz é “um dos sete anjos que têm as sete taças” (17:1; cf. 15:1; 16:1). A primeira referência à meretriz é que ela “se assenta sobre muitas águas” (17:1); na sexta praga se mencionam as “águas” do Eufrates que se secam (16:12). E a segunda é que ela se prostitui com os “reis” (17:2); na quinta praga o “reino” da besta é atingido (16:10).

Observa-se que o contexto de Apocalipse 16 e 17 indica que uma coalizão de reis sustenta a Babilônia e entrará em colapso por ocasião da quinta e da sexta pragas, pois a secagem das águas da Babilônia indica a dispersão e queda desse sistema formado pela Babilônia e os reis da Terra. Esses “reis” aliados da meretriz são referidos em Apocalipse 16 com a expressão “trono da besta” e os “reis do mundo inteiro” (v. 10, 14), e em Apocalipse 17 como simplesmente “os reis” (v. 2, 10, 18), ou os “habitantes da terra”, “povos” e “nações” (v. 2, 15) sobre as quais a meretriz está assentada e governa. Assim, em uma linguagem simbólica, a prostituta é mostrada “assentada” (em grego, *kathemai*, com ideia de “domínio”) sobre os “reis” e as “muitas águas” (17:1).



Na seção da sexta praga, João insere uma visão retrospectiva tipo *flashback* em alusão a um evento anterior ao relatar a atuação dos “três espíritos imundos” em busca do apoio “dos reis do mundo inteiro” (Ap 16:13, 14).⁵ Visto que os espíritos buscam o apoio dos reis, João está descrevendo aqui um momento específico em que os “espíritos” (poder religioso operador de “sinais”) e os “reis” (poderes políticos) estão separados, portanto, um momento que deve preceder o evento referido em Apocalipse 17 quando a meretriz (poder religioso) já está “montada” sobre a besta, ou seja, sobre os “reis” (17:2, 3, 9, 10). Desta forma, se a prostituta em seguida é descrita como “montada” “numa besta” que representa os “reis” (17:1, 3, 10), ela é desta forma correlacionada aos “três espíritos de demônios” de Apocalipse 16:13, os quais foram bem-sucedidos na tarefa de atrair e dominar os “reis” (Ap 16:13-14). Beale (1999, p. 828) afirma que “isso é indicado em Apocalipse 17:1, que descreve a prostituta Babilônia ‘assentada sobre muitas águas’, que é outra maneira de se referir ao ‘Eufrates e suas águas’ (16:12)”.

Além disso, a imagem da prostituta “montada” sobre a besta indica que o apoio político que os espíritos buscavam (16:13-14) foi alcançado em termos de tornar os reis servos da meretriz (que é correlata aos espíritos). Nesse caso, o evento da secagem das águas (Ap 16:12) deve indicar a fragmentação do sistema construído anteriormente entre os espíritos e os reis da terra. O secamento das “águas” indica o fim desse apoio dos reis e das nações da Terra à meretriz Babilônia (16:12). O secamento das águas provoca a fragmentação completa da coalizão formada pelos “espíritos” (poderes religiosos) e os “reis” (poderes políticos) da Terra em sua campanha de lutar contra Deus e seu povo no grande Armagedom. Por outro lado, o secamento das águas em Apocalipse 16:12 tem seu correspondente no “ódio” da besta e dos reis contra a meretriz em Apocalipse 17:16.

O paralelo entre Apocalipse 16 e 17–18 se amplia quando consideramos que a quinta e a sexta pragas são derramadas, respectivamente, sobre a “besta” e a “meretriz”, já que o Eufrates é o rio da meretriz Babilônia. Na quinta as trevas cobrem o “reino” da besta (16:10), e na sexta, o “rio” da Babilônia é secado (16:12). Há uma progressão nessas duas pragas, se considerarmos que o “reino” da besta que

⁵ Jon Paulien (2008, p. 141) propõe que “os eventos dos versículos 13-15 [Ap 16] devem ser anteriores aos eventos do versículo 12”. E que, “embora as sete últimas pragas ocorram após o encerramento do tempo de graça, Apocalipse 16:13-16 apresenta eventos anteriores à sexta praga, mesmo antes do encerramento do tempo de graça.”



caí em trevas são os mesmos “povos” que sustentam a Babilônia. Nesse caso, a visão de Apocalipse 17 deve ser vista como uma explicação, não só da sexta praga, mas da quinta e da sexta pragas juntas, já que a “besta” e a “meretriz-Babilônia” do capítulo 16 são as duas principais personagens de Apocalipse 17, e são aliadas. De fato, a “besta” é derrotada por Cristo, o “Reis dos reis”, segundo Apocalipse 17:14; e a meretriz é “destruída” em seguida pela mesma “besta” (17:16) que fora derrotada na batalha contra o Cordeiro e seus eleitos. Isso indica que a derrota da besta no Armagedom deve ser o motivo de seu ódio contra a meretriz, sua anterior aliada. Também sugere que a “derrota” da besta não é sua destruição física ainda (o que ocorre no lago de fogo, posteriormente), mas uma interdição divina sobre seu poder no mundo.

Desta forma, observa-se que a quinta e a sexta pragas (Ap 16:10-16) estão conectadas com Apocalipse 17–18 através de vários elementos temáticos e linguísticos: (1) a besta da quinta praga e a Babilônia da sexta são as duas principais personagens de Apocalipse 17; (2) ambas são golpeadas nessas duas pragas; (3) a sequência dos golpes é primeiro sobre a besta (Ap 16:10; 17:14) depois sobre a meretriz (Ap 16:12; 17:16); e (4) os termos “reino” (*basileía*), “reis” (*basileōn*), “besta” (*therión*), “grande” (*mégas*) e “água” (*húdōr*) são empregados em ambos os relatos (16:10-12; 17:1-18), evidenciando o paralelo linguístico. Isso fortalece a ideia de que o objetivo do capítulo 17 é recapitular e explicar essas duas pragas (quinta e sexta).

Esse paralelismo entre a quinta e a sexta pragas e os capítulos 17–18 indica que o agrupamento das pragas deve ser em *quatro, duas e uma*.⁶ Nesse caso, quatro pragas são dadas em linguagem literal: os tumores, as águas do mar e dos rios em sangue e o aquecimento do Sol, as quais afetam as pessoas e, por serem literais, a exemplo das pragas no relato do Êxodo (ver Ex 7:14-25; 9:8-12), não receberiam explicação adicional. Já a quinta e a sexta são dadas em linguagem simbólica e afetam a estrutura de poder do mundo ímpio culpado de crimes de sangue contra santos e profetas: a besta e a meretriz. Essas duas pragas, por serem dadas em linguagem simbólica, receberiam uma explicação adicional nos capítulos 17–18. Nesse arranjo, a sétima taça fica destacada como a manifestação da presença de

⁶ Aune (1998, p. 392), diferentemente, as agrupa em quatro e três. O mesmo o faz Stefanovic (2009, p. 28-29).



Deus após o “Feito está!” Mas também segue sem uma explicação adicional supostamente por ser literal, a exemplo das teofanias no Sinai (Êx 19:16-19).

Nesse caso, o que são as “trevas” sobre o “reino da besta”? LaRondelle (1987, p. 105) sugere que deve ser “uma revelação especial e impressionante da parte de Deus às nações”. Tal revelação conscientizaria o poder civil (a “besta”) da loucura da empreitada que a “meretriz” a levou a assumir. Isso vai reverter o poder besta de aliada a destruidora, contra a meretriz (17:14, 16).

Nesse contexto, o enfatizado “pranto” por parte dos reis, mercadores e povos da Terra (Ap 18) por causa da destruição da meretriz indica que eles ficarão completamente desolados após a sexta praga. O substantivo grego *pénthos*, “lamento”, é usado três vezes, e o verbo *pentheō*, “lamentar”, outras três vezes em Apocalipse 18 (v. 7, 8, 11, 15, 19). Esse lamento profundo revela a condição de completa desolação por parte dos reis e dos povos da Terra após a queda da Babilônia, ocorrida na sexta praga e explicada em Apocalipse 17.

Portanto, se o secamento das águas, como o efeito da sexta praga, retrata a queda da prostituta Babilônia e sua imediata destruição no fogo (Ap 17:16), não há sentido em considerar essa queda como ocorrendo mais tarde, como parte da sétima taça. Nesse caso, a descrição dessa queda, pelas garras da besta derrotada (cf. Ap 17:16), é uma explicação da quinta e da sexta pragas, como parte de um novo ciclo de visões recapitulativas. Além disso, a menção em Apocalipse 16:19 de que “a grande Babilônia foi lembrada diante de Deus, para lhe ser dado o cálice do vinho do furor da sua ira” não deve ser vista como um relato sequencial após as pragas. Em vez disso, este é um novo relato, começando com o termo grego regular *kai*, traduzido várias vezes como “então” (como em Ap 16:14). Esse novo relato deve ser visto como uma introdução ao conjunto seguinte de visões em Apocalipse 17–20, que começa exatamente com o juízo da Babilônia.

Nota-se que, segundo Apocalipse 15:1, com as sete taças “se consumou a cólera de Deus”, ou foi a ira completada (grego *teléō*). Além disso, Apocalipse 16:17, ao afirmar que “Feito está!”, aponta para a consumação da ira de Deus ao se derramar a sétima taça “pelo ar”. Portanto, o que vem depois dessas coisas não é uma sequência de juízos adicionais sobre a meretriz, mas uma recapitulação ou desdobramento do que foi revelado até esse ponto.



CONCLUSÃO

Os paralelos temáticos e linguísticos entre o relato visionário de Apocalipse 17 e o relato das pragas em Apocalipse 16 ajudam a elucidar o sentido da seção posterior ao derramamento da sétima taça “pelo ar” (Ap 16:17). Esses paralelos também ajudam a confirmar a estrutura recapitulativa do relato de João, ao desdobrar suas visões em relatos cílicos e explicativos.

Essa estrutura que se move do tempo histórico do profeta até o *escaton*, repetindo as formulações diversas vezes se apresenta como um autêntico modelo literário profético e totalizante. O profeta pretende com as diversas séries, explicadas e desdobradas em novos vislumbres, prover uma visão clara dos eventos da história da salvação e de seu desfecho no fim do tempo.

O texto de Apocalipse 16:17, com a declaração celestial “Feito está!”, indica que nesse ponto da narrativa o vidente alcançou outra vez o clímax dos eventos escatológicos. Portanto, o que segue nos capítulos 17 e 18 especialmente é um desdobramento, uma reelaboração das pragas quinta e sexta, visto que ele repete diversos termos nas duas seções e destaca as duas personagens centrais em comum: a besta e a meretriz.

O fato de o anjo intérprete anunciar a João a visão do “juízo” da meretriz em Apocalipse 17:1 conecta as duas seções e projeta a visão do capítulo 17 como uma espécie de investigação sobre os crimes de sangue cometidos pela meretriz com o apoio da besta. Isso provê a justificativa para os cruéis juízos executados através das sete pragas, todas elas sobre o sistema perseguidor formado pela meretriz, a besta, os reis da Terra e os que habitam sobre a Terra. Essa é a ordem em que os personagens são mostrados na visão de Apocalipse 17: a meretriz (v.1), a besta (v. 3); os reis da Terra (v. 12) e os povos da Terra (v. 15). É nessa ordem, ao inverso, que as pragas atingem a estrutura perseguidora do povo de Deus. As quatro primeiras atingem os povos que habitam sobre a Terra que têm a marca da besta (Ap 16:2-9). A quinta é sobre a besta e os reis, pois todo o “reino” da besta é atingido (16:10). E a sexta atinge a meretriz, cujas águas são secadas indicando o fim do suporte da besta e dos povos já golpeados nas primeiras pragas (16:12). A sétima marca os fenômenos teofânicos da presença viva de Deus sobre toda a Terra.

O estudo aqui apresentado chegou à conclusão de que Apocalipse 17 é uma visão explicativa principalmente das pragas quinta e sexta. E que o relato de



Apocalipse 16:18-21 serve tanto como um sumário ou fechamento dos juízos sobre a Babilônia bem como uma introdução ou preâmbulo aos relatos cíclicos seguintes.

Uma vez que Apocalipse 17 seja visto como um juízo, uma espécie de investigação sobre os crimes de sangue cometidos pela meretriz apoiada pela besta, os reis e os povos da Terra, contra o povo de Deus, todas as ações divinas através das pragas são legitimadas e justificadas. De fato, como diz o anjo das águas, eles “derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso” (Ap 16:6; cf. 17:3). Em seguida, uma multidão celestial canta que “verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos” (Ap 19:2).

REFERÊNCIAS

- AUNE, D. E. **Revelation 1-5**. Dallas, TX: Word, 1997. (Word Biblical Commentary, v. 52a).
- AUNE, D. E. **Revelation 6-16**. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998. (Word Biblical Commentary, v. 52b).
- BEALE, G. K. **The book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999. (The New International Greek Testament Commentary).
- BROWN, C. (ed.). **The new international dictionary of the New Testament theology**. V. 2. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978.
- COLLINS, A. Y. **The combat myth in the book of Revelation**. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2001.
- CUSTER, S. **From Patmos to paradise: a commentary on Revelation**. Greenville, SC: BJU Press, 2004.
- DORNELES, V. Adorai aquele que fez: a narrativa da criação e o clímax do grande conflito em Apocalipse 12 a 14. **Revista Criacionista Brasileira**, n. 100, 2019, p. 6-21.
- FARRER, A. **A rebirth of images: the making of St. John Apocalypse**. Nova York: State University of New York Press, 1986.
- FIORENZA, E. S. **The book of Revelation: justice and judgment**. Mineápolis, MN: Fortress, 1998.
- JOHNSON, A. F. **Revelation**. In: GAEBELEIN, F. E. (ed.). **The Expositor's Bible Commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981. v. 12.



KISTEMAKER, S. J. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001. (New Testament Commentary).

KOESTER, C. R. **Revelation**: a new translation with introduction and commentary. New Heaven, CT: Yale University Press, 2014. (The Anchor Yale Bible).

KRODEL, G. A. **Revelation**. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1989. (Augsburg Commentary on the New Testament).

LARONDELLE, H. K. Armageddon: sixth and seventh plagues. In: HOLBROOK, F. B. (ed.). **Symposium on Revelation, book 2**: exegetical and general studies. Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992, p. 373-390. (Daniel and Revelation Committee Series).

LARONDELLE, H. K. **Chariots of salvation**: the biblical drama of Armageddon. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. The structural study of myth. **The Journal of American Folklore**, v. 68, n. 270, p. 428-44, 1955.

METZGER, B. **Breaking the code**: understanding the book of Revelation. Nashville, TN: Abingdon, 1993.

MICHAELS, J. R. **Interpreting the book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker, 1992.

MOUNCE, R. H. **The book of Revelation**. ed. rev. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977. (The New International Commentary on the New Testament).

MUELLER, E. **When the prophecy repeats itself**: recapitulation in Revelation. Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2015. (Biblical Research Institute Release, v. 14).

MURPHY, F. J. **Fallen is Babylon**: the Revelation to John. Harrisburg, PA: Trinity Press, 1998.

NICHOL, F. D. (ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

OSBORNE, G. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament).

PAULIEN, J. **Armageddon at the door**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008.

PAULIEN, J. **Decoding Revelation's trumpets**: literary allusions and the interpretation of Revelation 8:7-12. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1988. (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, v. 11).

RICOEUR, P. **The symbolism of evil**. Boston: Beacon, 1963.



**Crimes de sangue vingados em sete taças:
Apocalipse 17 como explicação da quinta e da sexta pragas**

ROTZ, C. **Revelation: a commentary in the New Testament.** Kansas, AK: Beacon Hill Press, 2012.

SMALLEY, S. S. **The Revelation of John: a commentary on the Greek text of the Apocalypse.** Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ: commentary on the book of Revelation.** 2. ed. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.

THOMAS, J. C. **The Apocalypse: a literary and theological commentary.** Cleveland, TN: CPT Press, 2012.

WELLCOME, I. C. **History of the second advent message and mission, doctrine and people.** Yarmouth, ME: I. C. Wellcome, 1874.

WHITE, E. G. Notes of travel. **Review and Herald**, 25 nov. 1884.

WHITE, E. G. **O grande conflito.** 42. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.